

MODERNISMO NO BRASIL

Anúncio do evento.

<https://www.google.com.br/url?sa=i&source>

[=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUK](https://www.google.com.br/imgres?imgurl=https://www.theatromunicipal.com.br/images/cad-rja&uact=8&ved=2ahUK)

I. Semana de Arte Moderna (1922)

Entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922, o Teatro Municipal de São Paulo cedeu espaço para um dos eventos mais polêmicos (para a época) com artistas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Trata-se da Semana de Arte Moderna, que reuniu uma exposição de obras de Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Antonio Moya etc.

Entretanto, por serem obras **modernistas**, receberam diversas críticas e inclusive, já no primeiro dia de exposição, há relatos de que o público “*teve reações surpreendentes, ora vaiando, relinchando, latindo, gritando, ora aplaudindo*” (*Literatura Brasileira*)



Enfim, a relevância dessa semana está presente no fato uma ruptura que esses artistas (considerados rebeldes e até mesmo ignorantes) trouxeram para a cultura brasileira, pois, diferentemente do que ocorria, o **brasileiro** agora seria a peça chave de suas obras. Além disso, influenciam até hoje as expressões artísticas em diversos ramos, seja a música, a literatura ou a pintura.

Quem quer quebrar padrão levanta a mão!!

II. 1ª Fase

A primeira fase do Modernismo brasileiro veio carregado da vontade de fazer diferente. Mas... diferente de quem? Principalmente dos movimentos anteriores mais regrados (como **parnasianismo**, o qual baseava-se no ideal de “**Arte pela Arte**”) e que não condiziam com a realidade do brasileiro comum. Por essa razão, surge também a intenção de “redescobrir” o Brasil em movimentos como “Pau-Brasil” (1924) e “Regionalista” (1926). Podemos resumir algumas características para esse momento do modernismo:

- **Nacionalismo crítico** ⑦ diferentemente do Ufanismo, aqui temos a admiração pelo país, mas com o reconhecimento dos seus problemas e falhas.
- O homem **mestiço** é visto como um novo símbolo artístico
- Valorização da cultura **popular**
- Desobediência aos padrões estéticos e ao vocabulário muito refinado e erudito
- ⑦ *Versos livres: versilibrismo*
- ⑦ *Versos brancos*
- Irreverência: atrevimento dos artistas, que falavam abertamente que não gostavam dos padrões e estilos conservadores da escrita.



Anita Malfatti
Oswald de Andrade



Retrato de Mário de Andrade, <http://www.iea.usp.br/en/imagens/ManueManuelBandeira>

1922, Tarsila do Amaral



[Bandeira.jpg/image_view_fullscreen](#)



Alguns escritores e artistas que se destacam:

- Oswald de Andrade ⑦ *Manifesto Antropófago* e **poemas-pílulas**
- Mário de Andrade ⑦ “orgia intelectual”; era culto e “soube dar a substância teórica de que necessitava o movimento em algumas ocasiões decisivas” (*Literatura Brasileira*)
- Anita Malfatti ⑦ pintora paulista; foi criticada por Monteiro Lobato após o evento *Exposição de Pintura Moderna Anita Malfatti*
- Manuel Bandeira ⑦ “antologia”

Vício da fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia Para telhado

dizem teiado E vão fazendo

telhados.

Oswald de Andrade

Poema Pílula
que demonstra
a coloquialidade
oral no
cotidiano do

III. Paródia

Define-se uma imitação de um texto literário, de uma personagem ou de um tema, com propósitos irônicos ou cômicos como **paródia**. É importante lembrar que uma paródia apresenta **semelhanças** e **diferenças** com o texto original, que deve ser um texto amplamente conhecido, sendo possível associá-los. “...**subversão das imagens poéticas tradicionais** e no diálogo **bem-humorado** com a tradição.” (*Apostila A162-1*)



PARÓDIA



MODERNISTAS

O "Adeus" de Teresa (1868)

*A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...*

E ela, corando, murmurou-me: "adeus."

*Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa...*

E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"

*Passaram tempos... sec'los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
...Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse — "Voltarei! ... descansa! ..."
Ela, chorando mais que uma criança,*

Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

*Quando voltei... era o palácio em festa! ... E
a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei! ... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa! ...*

E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

Castro Alves

Teresa (1925)

Quincas Borba

Quincas Borba

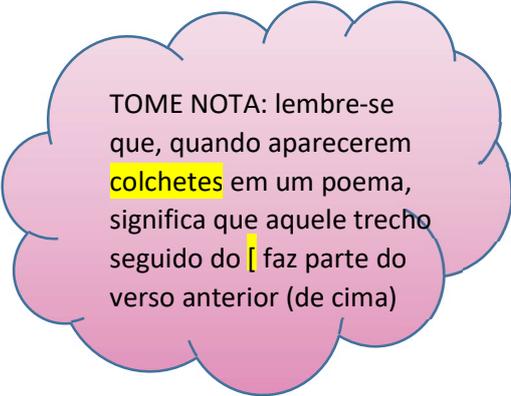
*A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna*

*Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o
[resto do corpo
os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando
que o resto do corpo nascesse)*

(
[

*Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face
[das águas.*

Manuel Bandeira



TOME NOTA: lembre-se que, quando aparecerem **colchetes** em um poema, significa que aquele trecho seguido do [faz parte do verso anterior (de cima)